



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

OLERÍCULTURA.....	2
IMPOSTO TERRITORIAL RURAL (ITR)	3
MILHO	4
BOVINOCULTURA DE CORTE	4
SUÍNOS.....	5
FRANGOS.....	7

A presente edição do Boletim Conjuntural trata dos seguintes temas: um panorama atualizado do agronegócio paranaense, reunindo o andamento da colheita de grãos, o desempenho das exportações de carnes, o cenário de faturamento da horticultura e orientações fiscais fundamentais aos produtores rurais.

Nas culturas de grãos e na pecuária de corte, a colheita da segunda safra de milho avança de forma acelerada, com preços reagindo positivamente no mercado interno em reflexo às altas internacionais. A bovinocultura de corte mantém forte receita nas exportações, sustentada por uma expressiva valorização da tonelada da carne no exterior, o que compensou com folga a recente queda no volume de embarques.

A olericultura confirma sua grande relevância estadual ao movimentar R\$ 5,7 bilhões em Valor Bruto da Produção (VBP). A oferta permanece fortemente ancorada na batata, no tomate e na mandioca de mesa, consolidando o Núcleo Regional de Curitiba como o grande líder estadual em área, produção e faturamento. No âmbito administrativo, o boletim reforça o prazo ativo para a Declaração do ITR, orientando os produtores a utilizarem as tabelas do Deral como parâmetro estatístico e seguro para a apuração do Valor da Terra Nua (VTN).

Na produção de proteína animal, a suinocultura aponta um cenário de forte expansão, acumulando alta nos volumes exportados em 2026 e com perspectivas de crescimento na produção e no consumo doméstico. Em contrapartida, a avicultura de corte paranaense enfrenta um momento de margens comprimidas e negativas; a elevação nos custos de produção, puxada principalmente pelo encarecimento de insumos nutricionais como o milho e o farelo de soja, retraiu a rentabilidade da atividade e deteriorou drasticamente a relação de troca para o avicultor.

Boa leitura!



OLERÍCULTURA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

Um Valor Bruto da Produção/VBP estimado de R\$ 5,7 bilhões foi movimentado pela Olericultura em 2025, representando os mesmos 2,7% do montante de R\$ 212,6 bilhões de toda a Agropecuária Paranaense no ano em tela.

Com colheitas de 3,1 milhões de toneladas (T) em uma área de 115,2 mil hectares (ha), a Batata, o Tomate e a Mandioca “in natura” para consumo humano e são os destaques, estas três atividades agregam 44,7% da área, 51,9% do volume produzido e 40,0% do VBP nas hortas.

O principal polo de produção no estado é o Núcleo Regional (NR) de Curitiba é, onde de sua superfície cultivada de 42,6 mil ha extraiu-se 997,9 mil T e um montante bruto de R\$ 1,95 bilhão. Estes números encampam uma parcela de 34,3% do VBP, 32,6% das quantidades colhidas e 37,0% do espaço com hortaliças e tem na ampla gama de espécies cultivadas - 50 no total - sua fortaleza no negócio. A couve-flor, a brócolis, a mandioca “in natura”, a batata e a alface dominam os campos, cujas parcelas foram de 49,3% na área,

47,0% nas quantidades e 45,8% no VBP do segmento na região.

A batata – em duas safras - é a alavanca dos negócios na região de Guarapuava pois foram 308,4 mil T saídas de 8,0 mil ha e VBP de R\$ 240,1 milhões, representando 69,1% da área, 70,6 % dos volumes e 54,9% da renda bruta somente com o tubérculo no regional. Trinta e nove oleráceas são exploradas no NR com colheitas de 436,8,1 mil T nos 11,5 mil ha possibilitaram um VBP de R\$ 437,4 milhões, posicionando-o como o segundo espaço onde a olericultura se faz presente, com equivalências em 7,7% no VBP, 14,3% nas quantias e 10,0% na área cultivada frente ao total estadual.

O NR de Ponta Grossa engloba 6,8% do VBP estadual do setor, são 40 espécies cultivadas, sendo a terceira em importância no Paraná, com uma renda bruta de R\$ 385,1 milhões movimentada pela produção de olerícolas. As duas safras de tomate e as duas de batata impulsionam o campo, são 775,0 ha para 60,2 mil T colhidas e R\$ 188,6 milhões de VBP com a hortaliça-fruto; já a batata esteve presente em 4,2 mil ha de onde 125,6 mil T foram produzidas, girando uma renda bruta de R\$ 94,3 milhões. Ambas representam 61,2%



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

da área, 74,8% dos volumes colhidos e 73,5% do VBP regional.

Com 41 espécies de vegetais da horta, a região de Jacarezinho - quarta produtora - por sua vez participa com 6,5% do VBP olerícola estadual, o pimentão, o tomate em duas colheitas e o pepino foram as atividades principais, onde juntos responderam por 55,1% dos R\$ 368,9 milhões de VBP regional, calculados através das 138,9 mil T extraídas em 5,2 mil ha. A trinca foi lavrada em 1,1 mil ha que equivalem a 20,7% das áreas e as 75,5 mil T à 55,1% das quantidades ofertadas pelo núcleo.

No NR de Apucarana a área com hortícolas foi de 4,6 mil hectares, colheitas de 186,4 mil T e VBP de R\$ 367,0 milhões, aferindo 6,5% das rendas brutas estaduais para 32 espécies. A cenoura e as duas colheitas de tomates corresponderam a 63,6% das receitas brutas, 58,1% dos volumes e 42,7% dos espaços regionais, onde somente a raiz engloba mais de 1/3 dos numerários com 1,6 mil ha de canteiros, um volume de 68,8 mil T e VBP R\$ 111,1 milhões.

IMPOSTO TERRITORIAL RURAL (ITR)

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Com o início do prazo de entrega da Declaração do ITR, que decorre de 10 de agosto a 30 de setembro, o Departamento de Economia Rural (Deral/Seab) esclarece que as informações constantes na Tabela SIPT, veiculadas na página oficial de terras, funcionam como um referencial estatístico das médias regionais para subsidiar a apuração do Valor da Terra Nua (VTN) exigido pela Receita Federal no recolhimento do imposto.

Para a correta apuração do valor tributável, o Deral ressalta que o cálculo final do VTN deve ser feito multiplicando-se a área de cada talhão da propriedade pelo valor correspondente à sua respectiva aptidão agrícola. O produtor deve segregar a área total do imóvel e aplicar os preços específicos para cada lote, divididos entre Lavoura de Aptidão Boa, Média ou Restrita, além de Pastagem, Silvicultura e áreas de Preservação.

Embora esses dados sirvam como parâmetro de segurança para evitar a malha fina fiscal, o Deral reforça o caráter estritamente autodeclaratório do imposto, o que significa que o produtor rural não está condicionado a adotar os preços da pauta



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

municipal de forma obrigatória ou absoluta. Diante de peculiaridades locais — especialmente acesso e logística —, o fisco assegura a prevalência legal de laudos técnicos individuais emitidos por profissionais habilitados.

Por fim, orienta-se que contribuintes e contadores deduzam integralmente o valor de todas as benfeitorias físicas, pastagens cultivadas e florestas plantadas para a correta composição do solo bruto tributável dentro do prazo regulamentar. A íntegra das tabelas por município e as notas metodológicas detalhadas podem ser consultadas diretamente no portal de terras da Seab.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Com condições climáticas oscilantes, a colheita da segunda safra de milho 2025/26 avançou 13 pontos percentuais em relação à semana anterior. O percentual colhido atingiu, nesta semana, 73% dos mais de 2,9 milhões de hectares plantados, ante 60% na semana anterior.

Já o mercado do cereal apresentou alta nos preços na última semana. O preço recebido pelo produtor pela saca de 60 kg encerrou a semana cotado a R\$ 56,79,

representando uma alta de 7,8% em relação ao preço médio de julho. Os preços atuais também estão 11% acima da média registrada em agosto de 2025.

A valorização observada no mercado doméstico é reflexo, em parte, da alta do cereal no mercado internacional. Na Bolsa de Chicago, o milho apresentou valorização aproximada de 22% na comparação entre a cotação desta semana e a registrada no mesmo período de agosto de 2025. No entanto, no mesmo período, o dólar apresentou queda de 4%, limitando uma valorização ainda maior dos preços no mercado interno.

Por outro lado, a oferta doméstica do cereal permanece elevada, uma vez que o Paraná está em plena colheita da segunda safra. Esse aumento da disponibilidade tende a exercer pressão sobre os preços, especialmente porque a maior parte do milho produzido no Estado é destinada ao mercado doméstico.

BOVINOCULTURA DE CORTE

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a análise quinzenal do Cepea, o mercado externo continuou favorável para a comercialização de carne bovina brasileira no início do segundo



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

semestre de 2026, embora os embarques tenham perdido força em julho. O principal destaque do mês foi a valorização do produto, que permitiu aos exportadores manterem a receita, mesmo diante da queda no volume. Enquanto as exportações caíram quase 17%, a queda na receita foi de apenas 6% no comparativo entre julho/25 e julho/26. Em valores nominais, a valorização por tonelada foi de US\$ 707,00.

Entre os fatores que contribuíram para a menor movimentação está o desempenho das vendas destinadas à China, que recebeu volumes elevados de carne brasileira nos primeiros meses do ano.

A cotação da arroba bovina segue a leve tendência de queda apresentada nos últimos dias, comercializada a R\$ 344,80 no momento da elaboração deste boletim.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne suína (considerando produtos in natura e processados) alcançaram 131,5 mil

toneladas em julho, volume 3,7% superior ao registrado no mesmo mês de 2025, quando foram embarcadas 126,8 mil toneladas.

A receita do mês atingiu US\$ 298,3 milhões, o que representa um recuo de 5,6% na comparação anual frente aos US\$ 316,1 milhões apurados em julho do ano anterior, refletindo os ajustes nos preços médios praticados no mercado global.

No acumulado de janeiro a julho, o desempenho do setor segue em ritmo acelerado e consolidado. Os embarques somaram 925,6 mil toneladas, uma alta de 9,0% em relação às 848,8 mil toneladas do mesmo período de 2025.

O faturamento anual acumulado acompanhou o crescimento e subiu 5,8%, alcançando US\$ 2,158 bilhões contra US\$ 2,040 bilhões registrados no ano anterior. As Filipinas mantiveram a liderança isolada entre os compradores em julho, importando 20,3 mil toneladas.

O ranking dos principais parceiros comerciais no mês foi completado por Japão (18,4 mil toneladas), Chile (13,9 mil toneladas), China (9,1 mil toneladas), Argentina (6,5 mil toneladas), México (6,3



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

mil toneladas), Hong Kong (6,2 mil toneladas) e Uruguai (6,2 mil toneladas).

De acordo com a ABPA, o resultado do mês confirma a trajetória de expansão e a competitividade da suinocultura nacional, impulsionada pelo avanço das vendas para mercados de alto valor agregado e pela consolidação da diversificação de destinos estratégicos, com destaque para praças como Japão, Argentina, Peru e África do Sul.

Na análise regional, os estados do Sul do país continuam concentrando a maior fatia da pauta exportadora. Santa Catarina manteve a liderança nacional em julho, respondendo por 64,6 mil toneladas, leve alta de 0,2% em relação ao mesmo período de 2025.

Na sequência surgem o Rio Grande do Sul, com 29,4 mil toneladas (+0,2%), e o Paraná, com 21,7 mil toneladas (+15,3%).

Destaque também para o forte crescimento nos embarques do Centro-Oeste e Sudeste, liderados por Minas Gerais, com 4,2 mil toneladas (+24,4%), e Mato Grosso, que somou 3,8 mil toneladas (+35,7%).

A sustentação no ritmo de crescimento da suinocultura brasileira deve se manter sólida nos próximos dois anos,

impulsionada pela combinação entre o aquecimento da demanda externa e o aumento da oferta interna.

A produção total de carne suína no país, que fechou 2025 em 5,592 milhões de toneladas, deve alcançar até 5,870 milhões de toneladas em 2026 (alta de até 5,0%) e atingir até 6,050 milhões de toneladas em 2027 (elevação de até 3,1%).

No comércio exterior, as exportações projetam um avanço de até 6,0% em 2026, atingindo 1,6 milhão de toneladas (frente a 1,51 milhão de toneladas em 2025).

Para 2027, a estimativa da ABPA é alcançar até 1,7 milhão de toneladas enviadas ao exterior, o que representa um incremento de até 6,3%.

O mercado doméstico também acompanhará essa trajetória expansiva. A disponibilidade de carne suína no Brasil passará de 4,082 milhões de toneladas em 2025 para cerca de 4,270 milhões de toneladas em 2026 (alta de até 4,6%), chegando a aproximadamente 4,350 milhões de toneladas em 2027 (alta de até 1,9%).



FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção do frango vivo no Paraná - considerado o sistema em aviário tipo climatizado com pressão positiva - atingiu R\$ 4,77/kg em julho de 2026.

O resultado representa uma elevação de 1,27% (R\$ 0,06/kg) em relação a junho (R\$ 4,71/kg) e um avanço de 3,70% (R\$ 0,17/kg) na comparação com julho de 2025 (R\$ 4,60/kg).

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) fixou-se em 369,20 pontos em julho de 2026 (base: janeiro/2010 = 100), assinalando alta mensal de 1,39% ante aos 364,12 pontos de junho, e acréscimo de 0,93% frente ao mesmo período de 2025 (365,80 pontos).

Com isso, o indicador acumula alta de 2,50% no ano e variação de 3,76% nos últimos 12 meses.

Na evolução mensal, o ICPFrango foi impulsionado pelas altas nos custos da ração (1,67%), capital (1,70%), genética (1,40%) e mão de obra (1,04%).

Em contrapartida, registraram deflação os itens energia elétrica, calefação e cama (1,42%), enquanto sanidade e transporte mantiveram-se estáveis.

No acumulado do ano, observa-se recuo no custo de capital (11,85%), contrabalançado pela elevação de sanidade (35,70%), transporte (7,68%), genética (6,26%), mão de obra (5,68%), ração (1,77%) e energia/calefação/cama (1,55%).

A nutrição animal, principal componente do ICPFrango com participação de 62,51%, acumulou alta de 1,77% no ano e de 1,35% em 12 meses.

Já a genética (pinto de um dia), com peso de 19,83% na matriz do índice, registrou alta anual de 6,26% e avanço de 15,07% no acumulado de 12 meses.

Considerando os coeficientes técnicos aplicados ao Paraná (área de 1.500 m², peso médio de 2,9 kg, mortalidade de 5,5%, conversão alimentar de 1,7 kg e 6,2 lotes/ano), o custo específico com alimentação fechou julho de 2026 em R\$ 2,98/kg (62,51% do custo total).



Boletim Conjuntural Semana 34/2026 – 20 de agosto de 2026

O valor equivale a uma alta mensal de 1,71% (R\$ 0,05/kg frente a junho: R\$ 2,93/kg) e avanço de 1,36% (R\$ 0,04/kg) em relação a julho de 2025 (R\$ 2,94/kg).

Em outros importantes polos produtores do Sul, os custos de produção em julho de 2026 situaram-se em R\$ 4,97/kg em Santa Catarina (avanço de 0,20% ou R\$ 0,01/kg mensal) e R\$ 4,96/kg no Rio Grande do Sul (avanço de 0,80% ou R\$ 0,04/kg mensal).

No âmbito comercial paranaense, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor encerrou julho de 2026 cotado a R\$ 4,74/kg - retração de 0,21% (R\$ 0,01/kg) ante a média de junho (R\$ 4,75/kg).

Em comparação ao mesmo mês de 2025 (R\$ 5,01/kg), a cotação registrou queda de 5,40% (R\$ 0,27/kg). Com esse desempenho, o preço médio de julho ficou 3,66% abaixo (R\$ 0,18/kg) da média consolidada em 2025 (R\$ 4,92/kg).

Como o preço nominal médio pago ao produtor fixou-se em R\$ 4,74/kg e o custo médio de produção atingiu R\$ 4,77/kg, a margem bruta fechou negativa em 0,63% (R\$ 0,03/kg). Essa margem comprimida decorre sobretudo do

encarecimento dos insumos alimentares da avicultura.

Dados da SEAB/DERAL indicam que o preço do milho no mercado atacadista paranaense atingiu R\$ 61,62 por saca de 60 kg em julho de 2026, alta de 0,64% (R\$ 0,39 por saca) frente a junho (R\$ 61,23 por saca) e de 2,80% (R\$ 1,66 por saca) na comparação anual (julho/2025: R\$ 59,96 por saca). A título de referência, o preço médio nominal do milho em 2025 foi de R\$ 66,30 por saca. O farelo de soja subiu para R\$ 1.873,18 por tonelada em julho de 2026, avanço de 2,48% (R\$ 45,40 por tonelada) sobre junho (R\$ 1.827,78 por tonelada) e alta de 3,90% (R\$ 70,29 por tonelada) ante julho de 2025 (R\$ 1.802,89 por tonelada). Em 2025, a média anual do farelo havia fechado em R\$ 1.841,73 por tonelada.

Consequentemente, a relação de troca deteriorou-se para o avicultor. Em julho de 2026, foram necessários 217 kg de frango vivo para adquirir uma tonelada de milho, um aumento de 9,00% na exigência de carne em relação a julho de 2025 (199 kg). Para o farelo de soja, a relação exigiu 395 kg de frango por tonelada em 2026 contra 360 kg em igual mês de 2025, representando um agravamento de 9,70%.